



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

*Discurso na cerimônia de assinatura do
acordo para formação do consórcio
empresarial destinado à implantação de
Complexo Petroquímico no Planalto Paulista*

SÃO PAULO, SP, 17 DE OUTUBRO DE 1996

Senhor Governador de São Paulo, meu companheiro Mário Covas; Senhores Ministros que me acompanham – hoje são numerosos –, notadamente o Ministro Brito, que é das Minas e Energia; Senhor Vice-Governador Geraldo Alckmin; Senhores Presidentes dos Tribunais; Senhor Presidente do Tribunal de Justiça, Desembargador Yussef Calim Cahali; Senhores Senadores; Senador Tuma; Senador Piva – não vi outros por aqui, pode ser que estejam; Senhores Deputados; Senhores Líderes; nosso Líder do PSDB, José Aníbal; Senhores Prefeitos; Presidente da Petrobras, Dr. Joel Rennó; Senhores Secretários de Estado; Senhores Empresários; Senhoras; Senhores;

É, para mim, mais do que uma satisfação, um dever estar hoje em São Paulo, vir aqui, junto com os ministros. Nós dissemos, em abril, que faríamos este Pólo Petroquímico no Planalto Paulista. Portanto, em menos de seis meses, já estamos aqui com os acordos firmados, para que este pólo se transforme numa realidade.

Eu devia isso ao Governador Mário Covas, pelas razões que o Ministro Brito tão bem já precisou aqui: como uma forma de

dizer ao Governador que o Governo Federal acompanha, com entusiasmo, a obra de moralização administrativa que ele vem fazendo em São Paulo.

Eu devia isso ao povo de São Paulo, do qual sou imensamente devedor, porque foi tão generoso comigo, na minha vida profissional e na minha vida política. E nós devíamos, todos, isso ao Brasil.

O Ministro Brito tem reafirmado, e é verdade, que nós estamos, pura e simplesmente, Senhores Empresários, duplicando os pólos petroquímicos no Brasil. Até recentemente, depois dos anos 50, tínhamos três. Agora estamos aumentando mais três e, quem sabe, um pouquinho mais, se eu considerar que a Bahia está sempre no coração do Ministro e de alguns empresários.

Certamente estamos aumentando no Rio Grande do Sul, onde estamos em operação de construção de mais um pólo; no Rio de Janeiro, onde estamos criando um pólo gás-químico; e, agora, aqui em São Paulo.

Os números são eloquentes: 4.3 bilhões. No Brasil, muitas vezes nós perdemos o significado de 1 bilhão. Ouve-se falar, com tanta frequência, em bilhão, que eu digo: “Será que as pessoas sabem o que é isso?”. É muito dinheiro, sobretudo quando é para gastar. Pois bem, aqui estamos, hoje, assistindo a um programa que vai alcançar, nos próximos anos, 4.3 bilhões de dólares.

Falei de vários pólos petroquímicos. Poderia acrescentar outras realizações no âmbito da Petrobras. Não sei se notaram, mas o que o Presidente da Petrobras anunciou hoje, aqui, é algo muito significativo: a Petrobras vai passar a produzir 900 mil barris de petróleo por dia. A maior parte desse petróleo é extraído no mar, em águas profundas. E nós, hoje, estamos exportando tecnologia da exploração de petróleo em águas profundas.

A Petrobras, além disso, soube se adaptar aos novos tempos. Quanta choradeira eu ouvi, meu Deus, quando – a palavra eu inventei – nós iniciamos a *flexibilização* do monopólio do petróleo. Hoje, os dados são mais eloquentes do que qualquer gritaria: 20% de aumento da produção da Petrobras, nos vinte meses do meu Governo.

Doutor Rennó mostrou, também, alguns outros investimentos da Petrobras aqui em São Paulo. Todos aqueles que eu mencionei (petroquímicos) têm a Petrobras junto. Poderia mencionar outros. Recentemente, no Palácio do Planalto, estive o Governador do Rio Grande do Norte, acompanhado de uma comitiva de rio-grandenses-do-norte que até me assustou, porque incluía o Vicentinho, que é de lá, o Urbano, da Contag, que é de lá, o Presidente da Confederação Nacional da Indústria, Senador Fernando Bezerra, que também é do Rio Grande do Norte, a Vilma, que é do Rio Grande do Norte. Fiquei assustado. E, aí, entendi por que estávamos olhando tão depressa para o Rio Grande do Norte. O fato é que nós, lá, também, no Rio Grande do Norte, estamos fazendo um pólo gás-sal e estamos levando o gás, através de gasodutos, de lá para o Ceará e, um dia, vai chegar ao Maranhão, eu espero. Com isso, vamos, certamente, propiciar avanços grandes também naquela região.

De modo que a Petrobras soube se adaptar aos tempos e entendeu que ela lucra com a flexibilização do monopólio. Estamos agora, nós todos, ansiosos para que o Congresso nos dê a lei de regulamentação das atividades de petróleo e gás, a partir da qual tenho certeza de que os investimentos virão, fluirão com muita força. A Petrobras, hoje, encara tudo isso com tranqüilidade, se associa, já não requer sequer ser a maioria, como é no caso do setor petroquímico, porque sabe que no mundo moderno é preciso associação, é preciso dinamização, é preciso mais tecnologia, é preciso investir nos profissionais. E a Petrobras tem sabido fazer isso.

Apenas estou me referindo a esses fatos para ilustrar o que disse o Ministro Raimundo Brito. O Brasil passa por uma transformação muito profunda.

Recentemente, um diretor da *Gazeta Mercantil* me trouxe um relatório no qual se alinhavam os projetos de investimentos que foram recolhidos por aquela instituição jornalística para os próximos anos, até o ano 2002 ou 2003. Os investimentos somados davam 220 bilhões de reais – ou de dólares, é a mesma coisa, 220 bilhões. Imagine-mos que nem tudo se concretize, que metade se concretize num curto

horizonte – 100 bilhões –, isso apenas para um segmento, sem acrescentarmos o que se faz hoje na agricultura. As perspectivas, nós as estamos abrindo para a agricultura brasileira, que pagou um preço altíssimo, não por causa da estabilização, mas por causa dos desmandos anteriores que levaram à TR, aos juros altos, à impossibilidade de controlá-los. E coube a nós a responsabilidade de controlar. Também pagamos o preço da crítica, porque estavam altos os juros no momento em que se buscava a estabilização – como se não fosse o contrário, como se já não estivessem muito altos e ninguém percebesse por causa da inflação. Pois bem, hoje cabe a nós também olhar para a agricultura, e nós estamos olhando para a agricultura.

O fato é que o Brasil passa por uma transformação imensa. Isso é um exemplo dessa transformação. Essa associação, essa parceria entre o setor privado, o Governo de São Paulo e a Petrobras indicam o novo espírito do Brasil, um espírito em que existe concorrência, mas, ao mesmo tempo, existe capacidade de associação e a compreensão muito nítida de que o consumidor final – o povo – é que deve ser bússola das decisões governamentais. As decisões governamentais, quando incentivam a competição, não o fazem por razões ideológicas: fazem-no porque estamos convencidos de que é o melhor caminho para o consumidor ter os preços mais baixos e o produto de melhor qualidade.

Esse é o novo espírito do Brasil, e vejo esse novo espírito do Brasil muito vivo aqui no Estado de São Paulo, vejo aqui a energia necessária para que possamos levar adiante, com tranquilidade, mas também com firmeza, essas transformações no Brasil.

O Governador Mário Covas mencionou o fato de que, na construção mesmo de todo esse esforço, 20 mil empregos serão gerados, sobretudo em São Paulo. A preocupação com emprego deve ser, como é, obsessiva, mas a resposta para a crise do emprego é uma só: mais investimento. O resto não é resposta, o resto é ilusão, é enganação. Quem realmente sabe, percebe que é necessário oferecer mais – e investe mais.

Aqui, hoje, nós mencionamos investimentos em setores de ponta. Há outros, como o do gás, com o gasoduto da Bolívia, que vai passar por São Paulo. Há outros mais. Há o aumento enorme do setor

automobilístico, talvez até maior do que o que se vê na petroquímica, um desenvolvimento que surpreende a nós próprios pela força de atração que tem esse mercado brasileiro, no que diz respeito ao setor automobilístico.

Certamente, ao mencionar essas linhas de ponta da transformação industrial, sem nos esquecermos de outras, como papel e celulose, sabemos também dos efeitos, muitas vezes perversos, que o próprio processo de modernização traz. Sabemos, também, que há um problema com as autopeças e estamos atentos a ele. Espero que, em breve tempo, breves dias, possamos dar alguma solução mais consistente com as necessidades de uma visão política que, ao mesmo tempo, seja determinada, firme numa direção, e busque encontrar mecanismos para a readaptação daqueles que são, muitas vezes, pegos de surpresa por transformações rápidas nos setores industriais.

Sabemos, sobretudo, que, com todo o brilho desse tipo de desenvolvimento, que há de ser sustentado por todos nós, não podemos nos esquecer de que a pequena e a microempresa geram uma enorme quantidade de empregos.

Ainda ontem, no Palácio do Planalto, com o Ministro do Trabalho à frente das cerimônias, nós assistimos à assinatura de um enorme conjunto de protocolos, de programas, de projetos e já de realizações, com o fito exclusivo de aumentar o acesso a recursos financeiros por parte das empresas de menor porte.

Também, dentro de breves dias, espero poder anunciar ao Brasil uma importante modificação tributária, que vai beneficiar centenas de milhares de pequenos empresários, de alguma maneira antecipando-nos à reforma tributária que está no Congresso, sem, entretanto, deixar de olhar para ela com muita atenção e desejando-a. — ainda ontem, estive reunido com o Relator, Mussa Demes, e hoje com o Ministro do Planejamento, tratando dessa reforma —, sem esquecê-la. Pelos caminhos que nos são dados pela legislação ordinária, estamos produzindo transformações muito importantes em todo o sistema tributário brasileiro.

Não será de surpreender se, no início do ano que vem, o Dr. Everardo Maciel vier propor uma consolidação da legislação tributária, quando o Brasil, então, verá que nós já mudamos, no essencial, aquilo que era necessário para atender, mais diretamente, aos interesses da empresa brasileira e do contribuinte brasileiro: o ICMS; uma legislação moderna, no que diz respeito ao Imposto de Renda da Pessoa Jurídica; estabilidade no Imposto de Renda da Pessoa Física – para que nós, que não somos empresários e, muitas vezes, não temos a competência aritmética, sequer, para preencher as nossas cédulas de Imposto de Renda, não fiquemos tão atormentados com mudanças bruscas e possamos voltar a fazer aquilo que, no passado, eu, pelo menos, fazia e tenho certeza de que muitos dos meus companheiros também faziam: preencher, nós próprios, as nossas cédulas do Imposto de Renda –, porque a renda é tão pequena, que não vale a pena estar mudando a toda hora para extrair mais recursos.

Nós vamos ter certeza de que os recursos anelados pelo Governador Mário Covas virão de outro setor, que vai nos dar os milhões e milhões do ICMS. E essa complementação do Imposto de Renda da Pessoa Jurídica e o da Pessoa Física, em bases mais adequadas de legislação tributária é o que estamos preparando.

Senhor Governador, Senhores Empresários, Senhores Chefes Militares, Senhor Presidente da Federação das Indústrias, Senhores Líderes, Ministros e Parlamentares,

Já me estendi, talvez, demasiado. É que, realmente, sinto com muita força o peso da responsabilidade – que não é minha, é nossa – de não apenas motivar o País em termos de palavras e de retórica, mas de mostrar ao País aquilo que já está sendo feito. E, quando digo “está sendo feito”, não é pelo Presidente, não é pelo Governador, não é pelos Parlamentares; é também por nós, mas é, sobretudo, pelos trabalhadores, pelos técnicos, pelos profissionais, pelos empresários.

É um Brasil no qual a sociedade civil não pode ser pensada independente do Governo. Nosso governo não tem mais aquela soberba de imaginar que, sozinho, através de leis e decretos, mudaria o destino da população. E ainda bem que não tem mais nem essa possibili-

dade, ainda que quisesse. Porque hoje nós todos sabemos que só há um caminho: é o caminho da parceria. E é essa parceria que nós viemos hoje aqui testemunhar.

Volto com o coração ainda mais confiante, e mais emocionado, por ver que, no meu São Paulo, as coisas continuam indo bem.

Muito obrigado.